

Coletivos feministas buscam melhorar o ambiente acadêmico

Por meio de ações e encontros, os coletivos lutam para dar voz às mulheres dentro das universidades em São Paulo

Por Giovana Meneguin

No início do ano, o professor Paulo Giaquinto, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie, debochou, em uma de suas aulas, dos casos de abuso sexual envolvendo o médico Roger Adbelmassih – condenado pelos crimes de estupro e atentado violento ao pudor contra 56 pacientes. Entretanto, apesar da queixa encaminhada à ouvidoria da instituição, por 39 estudantes, o docente foi apenas advertido e apresentou um pedido de desculpas. Diante da situação, o coletivo Zaha nasceu. “Duas alunas viram a necessidade e urgência da criação de um espaço destinado à discussões feministas”, relatam as integrantes.

Os coletivos feministas já estão presentes em muitas das universidades de São Paulo. O objetivo é simples: apoiar e ajudar as mulheres dentro do ambiente acadêmico, lutando, dessa forma, pela igualdade de gêneros. As participantes reúnem-se, na maioria dos casos, semanalmente, em alguma sala de aula vazia, dentro da própria universidade, ou no centro acadêmico da faculdade. Diferentemente do extremismo que está no imaginário de muitas pessoas, os encontros são simples e permeados de entusiasmo. Neles as meninas debatem, discutem, leem textos de cunho teórico e ouvem relatos e vivências. Dessa forma, as meninas buscam entender, juntas, a sociedade que as cerca.

Monique Ventura, estudante de economia do Insper e membra do recém- formado Coletivo Feminista Marianne Ferber, observa que as rodas de conversa servem para as mulheres discutirem seu papel na sociedade. Ela salienta, com bastante firmeza, que “o coletivo visa desconstruir o machismo na faculdade, empoderar as mulheres e trazer mais segurança para as alunas nas festas”. As participantes do coletivo Zaha, complementam a fala de Monique afirmando que “o coletivo quer empoderar, além das alunas, as funcionárias e professoras”.

Todavia, o papel dos coletivos nas universidades vai muito além de rodas de conversa. Em 2013 uma estudante da Escola de Engenharia de Lorena (EEL), da USP, foi estuprada por outros alunos da escola de engenharia. Porém, a vítima foi culpabilizada e não obteve apoio da universidade, o que fez com que ela desistisse da faculdade. Utilizando a lembrança do ocorrido como exemplo, as meninas do coletivo Enedina Alves Marques, da EEL-USP, ressaltam a urgência de trabalhar para promover um ambiente universitário em que haja “equidade, respeito e conscientização”.

Dentro dessa esfera, o maior desafio de um coletivo feminista é em relação às festas, jogos e eventos esportivos ao longo do ano, como as membras da Frente Casperiana Lisandra, da Faculdade Cásper Líbero, contam. Elas explicam que “nessas ocasiões há muita opressão”.

É por meio de diálogos com as Atléticas, responsáveis por organizar muitos desses eventos, que os coletivos tenta mudar a realidade de assédios e abusos. Entretanto, como as próprias integrantes do Lisandra reconhecem “ainda é muito difícil ir na contramão do que é considerado diversão por muita gente”. Todavia, em meio a sorrisos, Monique anuncia que o coletivo do Insper já obteve certo sucesso nesse campo. Após a criação do coletivo, em Fevereiro de 2016, a Atlética da faculdade abandonou o “Miss bixete” e o diretório acadêmico está colocando preços igualitários nas festas.

Assédios representam um problema real e muito frequente dentro das universidades, como garantem os coletivos feministas. Segundo a coordenadora substituta da Coordenação de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres, da Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres, Carolina Vieira, o assédio sexual representa uma situação de abuso de poder, em que um superior beneficia-se de sua posição para chantagear, ameaçar e violentar a pessoa subordinada. Ela explica cautelosamente que o assédio também diz respeito à “situações em que mulheres são constrangidas em locais públicos por homens pelo simples fato de serem mulheres”.

Portanto, para contribuir com a conscientização dos estudantes acerca dos casos de abusos que ocorrem nas universidades e também para colocar em prática discussões sobre machismo, os coletivos feministas nas universidades procuram promover diversos tipos de ações e campanhas. Como é o caso do projeto realizado pelas meninas do Insper para a arrecadação de produtos de higiene feminina, doados para uma ONG, responsável por acolher mulheres vítimas de violência doméstica. Também são organizadas palestras e debates, voltados para homens e mulheres, abordando temas que fazem parte do cotidiano feminino.

No final de Abril, o coletivo Zaha colocou em prática uma campanha bastante significativa contra o machismo na universidade. Cartazes contendo declarações machistas do corpo docente, como “você projeta bem para uma menina” foram espalhados pelo prédio de Arquitetura. A intervenção, marcada com a tag #esseéomeuprofessor, mostrou que as mulheres podem, e devem, se unir. Ainda de acordo com o coletivo, “[a ação] provocou, acima de tudo, uma reflexão sobre a postura machista de muitos professores em sala de aula”. As meninas frisam que “vários docentes e alunos ficaram incomodados, outros indignados e desacreditados de que aquelas frases tinham sido ditas por colegas de trabalho”.

Carolina Vieira, explica a importância dos coletivos universitários no enfrentamento à violência contra as mulheres. Ela diz, com bastante seriedade, que “o ambiente universitário é propício às discussões envolvendo gênero e, além disso, conseguem [coletivos] trabalhar de forma aberta”. Carolina ainda complementa as falas das meninas do coletivos comentando que os grupos “podem atuar como referência às mulheres que sofrem algum tipo de violência dentro da universidade, fornecendo apoio, conversa e proteção”. Ela finaliza seu pensamento esclarecendo que essa postura faz com que seja importante ter coletivos feministas nas

universidades.

De acordo com as meninas do coletivo Zaha, os cartazes surtiram efeito. “A ação pela faculdade fez com que muitos professores e colegas homens nos procurassem para entender as denúncias, expressar opiniões e conhecer o coletivo”, elas contam, deixando transparecer certa satisfação. Porém, infelizmente, as participantes reconhecem que as ações promovidas por seus coletivos não irão atingir todas as pessoas do dia para a noite. O coletivo Enedina admite que ainda há muitos casos de abuso dentro das festas universitárias, apesar das notas de repúdio espalhadas em cartazes pela faculdade.

A estudante do Insper ressalta que ter um coletivo na universidade é muito importante, pois coloca as mulheres em contato umas com as outras. “Representa um lugar de resistência e empoderamento, além do fato de o coletivo aproximar ainda mais as meninas da própria faculdade”, ela enfatiza. A mudança ocorre de forma sutil e pode ser percebida através de pequenos gestos e acontecimentos no mundo acadêmico, como as integrantes do Enedina relatam esperançosas. “Se antes a palavra feminismo não estava presente na rotina do semestre, hoje ela é abrangida pelo coletivo e, com isso, ela é constante na faculdade”, elas acrescentam.

A iniciativa dos coletivos, mostra às instituições que a discussão é necessária e contínua. Dessa forma, aos poucos, a realidade vivida pelas mulheres dentro do ambiente torna-se menos opressora e permeada de machismo. Além disso, é válido evidenciar que, por meio dos diálogos propostos pelos coletivos, situações de violência, como a narrada pelas estudantes da Escola de Engenharia de Lorena, são cada vez menos tratadas por debaixo dos panos – prova disso, é a grande quantidade de notícias a respeito dos tristes casos de abuso nas universidades. Como Monique Ventura constata, “de certa forma, os coletivos incomodam e tiram as pessoas da zona de conforto, estimulando o pensamento crítico”. A estudante ainda completa afirmando que cada vez mais as pessoas têm uma maior noção da gravidade de episódios, tais como os relatados pelos coletivos Zaha e Enedina Marques, por exemplo.

O surgimento de alguns coletivos feministas nas universidades motivou pessoas a formarem outros coletivos, não só feministas, mas também voltados para os estudantes LGTB e negros. O objetivo é conquistar espaço no ambiente acadêmico e lutar contra preconceitos. Na Cásper há ainda a Frente LGTB e o coletivo Africásper; o Mackenzie conta também com a Frente Feminista Mackenzista e o coletivo AfroMack; o coletivo LGTB Aquareela e o coletivo Geni (faculdade de medicina) são dois dos variados coletivos nas faculdades da Universidade de São Paulo; e, por enquanto, no Insper, há apenas a atuação do noviço coletivo Marianne Ferber. Em meio à lutas e conquistas, as integrantes do coletivo Zaha confessam, em tom de expectativa, que “o diálogo e apoio entre os coletivos é muito importante, pois potencializa todas as causas”. Tal como as meninas do Enedina afirmam alegremente, “unidos somos mais fortes”.